Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Boa Vista-RR: o ensino de Sociologia em um diálogo com a História da Amazônia e a Agroecologia a partir de uma visita ao Ponto de Cultura Ulisses Manaças

Alessandra Rufino Santos [1]
Veritha Pessoa de Sousa [2]
Arlene Oliveira Souza[3]

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, abordamos elementos constituintes da relação entre a Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR), da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na luta por Políticas Públicas nas áreas de reforma agrária do Estado de Roraima e no acesso à cultura na periferia da capital Boa Vista. Focalizamos as práticas educativas voltadas para a História da Amazônia e à Agroecologia, desenvolvidas no âmbito do MST. Utilizamos a Sociologia dos movimentos sociais (Gohn, 2013) para compreender, de forma crítica, o modo de produção capitalista e a ação política junto aos licenciandos em Educação do Campo, das áreas das Ciências Humanas e Sociais (CHS) e Ciências da Natureza e Matemática (CNM).

No caso específico das Ciências Humanas e Sociais (CHS), os licenciandos recebem uma formação para serem professores nas escolas do campo no ensino fundamental (anos finais) e no ensino médio, sendo que no ensino fundamental poderão atuar como professores de História, Geografia e Língua Portuguesa. Já no ensino médio, como professores de História, Geografia, Língua Portuguesa e Sociologia. A lógica de formação das Ciências da Natureza e Matemática (CNM) não é diferente. No ensino fundamental (anos finais), poderão atuar como professores de Matemática e Ciências. No ensino médio, a atuação docente está voltada para as áreas de Física, Química, Biologia e Matemática.

Podemos dizer que o ensino de Sociologia contribui para que na Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) a educação que os licenciandos “receberam fora da

[1] Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), mulher branca, Boa Vista-RR, alessarufino@gmail.com;
[2] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Recursos Naturais (PRONAT) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), mulher branca, Boa Vista-RR, veritha.pessoa@ifrr.edu.br;
[3] Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), mulher parda, Boa Vista-RR, arlene.oliveira@ufrr.br.

escola lhes deu condições de potentes agentes de transformação e educação que poderão contribuir para a construção coletiva do conhecimento" (Oliveira, 2016, p.108).

De um modo geral, a formação na Licenciatura em Educação do Campo respeita o tempo/espaço da mulher e do homem do campo justamente por reconhecer que esses sujeitos trazem consigo consciências de luta e resistência (Arroyo, 2014). Em uma perspectiva dialógica e dialética, a construção das identidades dos licenciandos em Educação do Campo não se dá a partir da leitura de mundo dos professores de Sociologia, História, Geografia, Biologia e outras áreas do conhecimento. É uma formação que acontece a partir do diálogo com esses alunos sobre essas identidades que irão se manifestar de forma dialética.

É oportuno enfatizar que no processo educativo da Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) é possível fazer uma leitura dinâmica e diferenciada do mundo vivido. Nessa lógica, a aula de campo no contexto formativo da Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) é essencial, pois permite identificar na prática o que é estudado em sala de aula, possibilitando que os alunos vivenciem às diversas interações do homem e o seu meio (Compiani; Carneiro, 1993).

Foi realizada uma aula de campo bastante proveitosa no Ponto de Cultura Ulisses Manaças, em Boa Vista-RR, no dia 19/11/2024. A aula foi muito dinâmica devido os alunos terem tido a oportunidade de construir o seu conhecimento sociológico e histórico, voltado para a sua comunidade e para alguns problemas contemporâneos, como o uso de agrotóxicos na agricultura e suas consequências.

Diante da importância dessa proposta, recorremos a Compiani e Carneiro (1993) para demonstrar que a aula de campo é também um excelente "ambiente de ensino", que pode auxiliar na aprendizagem dos alunos, visto que proporciona o contato direto com os objetos e os fenômenos concretos que estão sendo estudados.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para desenvolvimento da aula de campo no Ponto de Cultura Ulisses Manaças, foram realizadas reuniões com representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). No geral, a aula de campo foi pensada com o objetivo de promover e contribuir para a construção de valores e saberes ligados aos movimentos sociais e à sustentabilidade, reforçando a perspectiva de construção de uma escola democrática e pluralista, que assegure aos futuros professores das escolas do campo e indígenas a prática interdisciplinar a partir do diálogo do ensino de Sociologia com os aspectos locais da História da Amazônia e da

Agroecologia no contexto da educação. Essa realidade poderá fortalecer as práticas pedagógicas associadas ao desenvolvimento da educação ambiental.

DESENVOLVIMENTO/REFERENCIAL TEÓRICO

Em novembro de 2024, as professoras das disciplinas de Agroecologia e História da Amazônia, do curso de Licenciatura em Educação no Campo (LEDUCAR-UFRR), com a presença dos discentes das turmas, visitaram o Ponto de Cultura Ulisses Manaças, administrado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na cidade de Boa Vista-RR. A visita teve o objetivo de conhecer o espaço de reunião e estratégias de luta e posição do movimento frente às reivindicações da população rural de Roraima. As experiências entre os discentes, docentes e os líderes do Movimento social no Estado, foi um momento importante de troca para o enriquecimento das vivencias para os licenciandos da Educação do Campo.

A recepção dos líderes da casa iniciou com a leitura da poesia “A lição da Terra” de Pedro Tierra, que mostra a importância da luta da população do campo por melhores condições de vida e que seja respeitada a função social da Terra, de produzir alimentos, manutenção da estrutura social e a garantia da reprodução do estilo de vida. Aconteceu a apresentação do espaço, que é um ambiente aberto a sociedade sem fins lucrativo, e destinado para realizar reuniões do movimento e para receber oficinas de diversos trabalhos artísticos como, teatro, cinema, música, serigrafia e artesanato.

As discussões sobre as áreas de atuação do MST, em Roraima, fluíram de forma espontânea. As professoras das disciplinas, entre discentes e líderes do movimento, salientaram em suas falas, a falta de apoio, isto é, a carência de políticas públicas destinadas para o desenvolvimento das pautas do MST e a visibilidade positiva por parte da sociedade.

A partir da Sociologia dos movimentos sociais (Gohn, 2013), é evidente que os estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), estão recebendo uma formação interdisciplinar e ter o contato com o Ponto de Cultura Ulisses Manaças em uma aula de campo é essencial para que reforcem as suas compreensões, de forma crítica, sobre a sociedade e a realidade em que vivem. Essa realidade inclui as diferentes formas de ação coletiva que nos ajudam a compreender que no ensino médio, nível de ensino em que esses futuros professores da Educação Básica atuarão nas escolas do campo e em escolas indígenas do Estado de Roraima, os movimentos sociais são temas vivos no debate acadêmico e político no cenário nacional.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne o panorama que está inserido a sala de aula, a relevância da aprendizagem efetivada em outros espaços de conhecimento propõe ao discente compreender melhor a dimensão dos desafios e as dificuldades da luta por aceitação por parte da sociedade, em relação as propostas defendidas pelo MST no Brasil, que em sua trajetória de luta pela reforma agrária, busca investimentos em infraestrutura no campo, apoio à educação, financiamento para produção agrícola, condições justas de comercialização, educação de qualidade e o respeito a diversidade dos povos amazônicos para o seu bem viver.

Os líderes do MST apresentaram outras áreas de atuação, como, sua cultura, produção agrícola de forma sustentável, formação de multiplicadores no campo para defesa das suas causas sociais, enfrentamento das dificuldades na manutenção de políticas e melhorias voltadas para as suas reivindicações. Conhecer o espaço e dialogar com os líderes do MST, foi importante para ampliar a percepção de quanto o movimento sofre com as adversidades e de quão conflituosa é a luta deste movimento social por uma vida digna e justa, para a população que mora na zona rural do país.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

COMPIANI, M. & CARNEIRO, C. D. R. Os papéis didáticos das excursões geológicas. **Enseñanza de lãs Ciências de la Tierra**, n.1-2, 1993. p.90-98.

GOHN, Maria da Glória. **Sociologia dos Movimentos Sociais**. São Paulo, Cortez, 2013.

OLIVEIRA, Ubiratan Francisco. **Percurso metodológico para construções identitárias na formação de professoras e professores do campo no Norte do Tocantins:** reflexões a partir da experiência com o curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Arte e Música, da UFT – Campus Tocantinópolis. SILVA, Cícero da et al. Educação do Campo, Artes e formação docente. Palmas: EDUFT, 2016.